

RESENHA

ŽIŽEK, Slavoj. *Acontecimento: uma viagem filosófica através de um conceito*. Trad. de Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2017. 192p.

Danilo Souza Mendes de Vasconcellos*

Recebido: 06/2017
Aprovado: 10/2017

Se a publicação de *Menos que nada* e *A visão em paralaxe*ⁱ não foram suficientes ao leitor brasileiro para perceber Slavoj Žižek como, para além de crítico cultural, um dos mais importantes filósofos contemporâneos, *Acontecimento*ⁱⁱ parece ser a prova definitiva. Propondo uma espécie de viagem filosófica pelo conceito, o autor demonstra seu grande arcabouço cultural e extrema facilidade em transitar pelos mais diversos caminhos que esta viagem exige. Variando entre expressões culturais, artísticas, filosóficas, religiosas e, ainda, psicanalíticas, Žižek não se contenta com uma definição rígida do que seja o acontecimento, mas constrói novas definições à medida em que surgem as ideias. Desde o anúncio da empreitada, ele já parte da multiplicidade como guia na qual se sintetizam as fabricações de conceitos filosóficos e as construções dos fatos diários.

Na primeira parada, Žižek procura compor a noção de acontecimento a partir de um de seus vícios, a arte cinematográfica. Para tal, juntam-se análises de *Otelo*, *Super 8*, *Melancolia* e *Traídos pelo desejo* (para ficar nos títulos mais famosos no Brasil) com a noção que, em certa medida, norteia a segunda fase do pensamento de Heidegger. Desta forma, o acontecimento é extremamente devedor da ideia de ser como evento, bem como de uma espécie de estatuto ontológico da linguagem. Neste capítulo, o autor defende que “um acontecimento não é algo que ocorra dentro do mundo, mas uma mudança no próprio arcabouço pelo qual percebemos o mundo e nos envolvemos nele” (p. 16). Em comparação com as teses heideggerianas, o acontecimento não seria somente um evento que muda radicalmente a faticidade que determina em alguma medida a vida do homem no mundo. Antes, o acontecimento é um evento radical que funda uma nova linguagem - pela qual o homem habita a terra. Assim é, por exemplo, com as personagens de *Melancolia*: elas se percebem de um outro modo quando anunciada a catástrofe por vir. O acontecimento aí não é de fato a catástrofe - mas o seu anúncio.

Se na primeira parada Žižek parece dever às ideias de Heidegger, na segunda o mesmo ocorre com as noções de queda, paradoxo e instante em Kierkegaard. Por meio de uma releitura do que se poderia chamar de crença (noção que abarca a ciência moderna e o cristianismo), o autor articula como o acontecimento cristão é uma combinação daquilo que Kierkegaard chama de paradoxo e de queda, simultaneamente. Isto significa, para Žižek, que a queda do homem, tradicionalmente ligada à noção de pecado original, é também a queda de Deus, o momento em que o infinito toca o finito, o paradoxo do eterno no tempo. Desta forma, o autor conclui que a própria causa do problema da

* Mestrando em Ciência da Religião na Universidade Federal de Juiz de Fora, autor de *Os deuses de Žižek* (Fonte editorial, 2017). Bolsista CAPES. Contato: danilo.smendes@hotmail.com

Problemata: R. Intern. Fil. v. 8. n. 3 (2017), p. 266-269 ISSN 2236-8612

doi:<http://dx.doi.org/10.7443/problemata.v8i3.35027>

queda é sua solução, especificamente no sentido de que, sem pecado, não poderia haver redenção - e esta já era necessária porque o estado primordial era ilusório: não existe paraíso. Neste sentido, a culpa da queda é uma *felix culpa* pois é justamente ela o que permite a solução da culpa. Aí encontra-se a ligação entre cristianismo e ciência: tal qual a queda, o Big bang é o acontecimento primordial do mundo, a explosão por meio da qual se organizou o cosmos. Portanto, o acontecimento aqui vem de um desequilíbrio entre particular e universal (como em Kierkegaard): “coisas surgem quando o equilíbrio é destruído, quando algo dá errado” (p. 55).

Saltando do cristianismo dinamarquês ao budismo ocidental (que ele chama de budismo naturalizado), Žižek, nesta terceira parada, demonstra como a crença (desta vez, esta religiosidade contemporânea e a ciência cognitivista) pode ser um tipo de complemento ideológico ao regime do capital. Para atingir seus objetivos de paz e tranquilidade, o budismo se naturaliza ao sistema, ficando à deriva e, no fundo, funcionando perfeitamente bem como ópio do povo. Justamente neste ponto ele se encontra com as ciências do cérebro: a iluminação é o reconhecimento de uma espécie de ficção do eu em nome do altruísmo. Esta ficção, todavia, não é completa em nenhuma das duas faces, demonstrando que a iluminação e o acolhimento da falsidade do eu são sempre destinos, mas nunca presenças. Desta forma, encontra-se o evento nestas duas tradições, reforçando que “não podemos escapar das teias do destino, mas também não podemos escapar do fardo da responsabilidade pelo destino” (p. 73). Neste, a dimensão da subjetividade é irreduzível, isto é, não pode nunca ser superada totalmente. Assim, “o verdadeiro acontecimento é o da própria subjetividade, ilusória como possa ser” (p. 74).

Há, neste momento da obra, uma quebra na estrutura do texto que pode ser entendida como uma segunda parte da obra, da qual a quarta parada é o início. Nesta, Žižek trata dos três acontecimentos da filosofia, a partir dos três que, para ele, são filósofos-chave do ocidente: Platão, Descartes e Hegel. Estes seriam de fato os filósofos que instauraram loucuras no seio da filosofia - enquanto que os outros são tentativas de controlar tais loucuras. O que faz Žižek elencar estes três para a quarta parada é que eles não são apenas acontecimentos na história da filosofia, mas são filósofos do acontecimento, cada um a seu modo:

o acontecimento do encontro arrasador com uma ideia de Platão; a emergência de um cogito puramente acontecimental, uma fenda na grande cadeia do ser, em Descartes; e o absoluto em si - a totalidade que abrange tudo aquilo que existe - como uma autoimplementação acontecimental, como resultado de sua própria atividade, em Hegel (p. 76-7).

Em síntese, para Žižek, estes três filósofos do acontecimento formam a

tríade objetivo-subjetivo-absoluto, respectivamente. Defendendo esta ideia, ele parte para outra tríade na quinta parada: os três acontecimentos da psicanálise. Agora, previsivelmente para quem já teve contato com os escritos de Žižek, são definidos os acontecimentos de cada dimensão fundamental do ser humano, a partir de Lacan: Real, Simbólico e Imaginário. Nesta parada, o autor não busca somente reconhecer como o conceito central do livro se relaciona com a tríade lacaniana, mas como pode se conceber um acontecimento real, um acontecimento simbólico e um acontecimento imaginário. Para isto, recorre às mais diversas expressões culturais, demonstrado como os deuses, a linguagem e o espírito poético podem se constituir em acontecimentos, respectivamente.

O filósofo mais perigoso do Ocidente chega, então, à última etapa de sua viagem: a anulação de um acontecimento. Aqui, não é propriamente o conceito que é discutido. A discussão é sobre quando o acontecimento é colocado em jogo, isto é, quando há a tentativa de desacontecimentalização, anulação retroativa de um acontecimento. Para Žižek, há uma questão ética por trás deste processo - que não é só possível, mas real. Um acontecimento é desacontecimentalizado quando ele é normalizado, processo que acontece pela massificação em termos de reprodução deste. Em outras palavras, quando um evento que tem potencial para desestruturar a normalidade se torna cotidiano, há uma desacontecimentalização. Retroativamente isto se dá quando um acontecimento é repetido e reproduzido diversas vezes, por diversos meios, a fim de se normalizar e apagar a violência que o evento causou no tempo em que se deu. A ética entra neste jogo quando é interesse de uma instituição (mídia, Estado, capital...) desacontecimentalizar algo, como a tortura, por exemplo.

Neste ponto a viagem proposta e levada adiante por Žižek tem seu fim. Todavia, este destino final não chega sem um aviso: “Se, tarde da noite, já na cama, o viajante que acabou de terminar sua viagem está agradavelmente deitado, ou cansado demais para contemplar a perspectiva de um acontecimento político, só posso lhe dizer, sinceramente: ‘*Nota bene!*’” (p. 175). O que parece ficar nas entrelinhas do anúncio do destino final é que a viagem mesma é um acontecimento - e não poderia ser diferente. Perceber as formas como o acontecimento se dá e como ele foi e é compreendido pela filosofia não serve apenas à abstração teórica das universidades. Com as devidas releituras, Žižek parece indicar que rever o conceito de acontecimento não é somente um modo de interpretar o mundo, mas também um ponto de partida para transformá-lo. É exatamente por isso que o acontecimento não pode ser naturalizado: com a desacontecimentalização qualquer revolução não passa de baderna.

É justamente aí que *Acontecimento* ganha caráter de acontecimento para o público brasileiro: ele representa a guinada reflexiva que a filosofia deve

dar em relação ao cotidiano. A partir desta obra o fazer filosófico não deve, nem pode, continuar somente como reprodução e exposição de ideias, mas hermenêutica crítica dos próprios eventos cotidianos, não só para expor seus limites, mas sobretudo suas potencialidades. A filosofia não deveria, então, ser um saber de gabinetes, salas e bibliotecas, mas das ruas e dos jornais. Se um filósofo é aquele que tem, além de ideias na cabeça, a caneta na mão, esta deve servir para sublinhar os acontecimentos que se perdem em meio a normalização dos horrores. Neste ponto se insere Žižek como o meio termo entre filósofo e crítico cultural. Neste ponto se insere *Acontecimento* como acontecimento.

ⁱ *Boitempo*, 2013 e *Boitempo*, 2008, respectivamente.

ⁱⁱ Tradução de ŽIŽEK, S. *Event (A philosophical Journey Through A Concept)*. Londres: Penguin books, 2014.